



## **Psicologia e Povos Indígenas em Roraima: Reflexões Decoloniais**

### ***Psychology and Indigenous Peoples in Roraima: Decolonial Reflections***

---

**Ivy Elida Guimarães Sales**

<https://orcid.org/0000-0002-3153-7930>

Cientista Social - UFCG, mestre em Antropologia - UFRR e graduanda em Psicologia -  
Faculdade Cathedral.

<https://lattes.cnpq.br/8941313047066156>

ivyelidapsi@gmail.com

**João Paulo Roberti Junior**

<https://orcid.org/0000-0002-1489-5330>

Pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Sociedade e Fronteiras (PPGSOF)  
da Universidade Federal de Roraima (CAPES/PDPG/PPGSOF/UFRR). Doutor em  
Psicologia e Mestre em Antropologia Social (UFSC). Graduado em Psicologia (UNIDAVI).

<http://lattes.cnpq.br/2469361629650438>

juniorroberti@yahoo.com.br

## Resumo

Este estudo tem como objetivo desenvolver uma análise da Psicologia Indígena, com um foco especial no cenário brasileiro. Essa análise está fundamentada na investigação da relação entre a Psicologia e as comunidades indígenas em Roraima. A proposta está ancorada na concepção de uma psicologia com os povos indígenas e para os povos indígenas. Este conceito é forjado a partir de um embasamento em conhecimentos provenientes da Psicologia Indígena, Psicologia decolonial, Psicologia Social Comunitária, Antropologia da Saúde, bem como estudos abrangentes acerca de violência, cognição, pensamento com as próprias comunidades indígenas. Os resultados indicam na necessidade da psicologia no reconhecimento da relevância da coletividade na formação da identidade e pronta para acolher a sabedoria intrínseca a cada contexto local. Este princípio exclui a imposição de conhecimentos, priorizando a contextualização e a compreensão das perspectivas indígenas.

### Palavras-chave

Psicologia Indígena. Pensamento decolonial. Subjetividade.

## Abstract

This study aims to develop an analysis of Indigenous Psychology, with a special focus on the Brazilian context. This analysis is grounded in the exploration of the relationship between Psychology and indigenous communities in Roraima. The proposal is anchored in the conception of a psychology for and with Indigenous peoples. This concept is forged based on a foundation of knowledge from Indigenous Psychology, decolonial psychology, Community Social Psychology, Health Anthropology, as well as comprehensive studies on violence, cognition, and thought within Indigenous communities themselves. The findings highlight the necessity for psychology to recognize the significance of collectivity in identity formation and be prepared to embrace the intrinsic wisdom of each local context. This principle excludes the imposition of knowledge, prioritizing contextualization and understanding of Indigenous perspectives.

### Keywords

Indigenous Psychology. Decolonial Thought. Subjectivity.

### 1. Um Olhar Sobre a Psicologia Indígena

A partir da convergência entre os conhecimentos da Psicologia e a riqueza das tradições indígenas no Brasil, emerge uma clara compreensão da insuficiência de algumas abordagens históricas ao aplicar estruturas psicológicas convencionais às populações indígenas. Essas abordagens revelam limitações na apreensão das perspectivas culturais, dinâmicas sociais e traumas



históricos presentes dentro do enquadramento indígena. Portanto, torna-se crucial reconhecer a necessidade de decolonizar a apreensão do sujeito, abraçando a compreensão desenvolvida pelos próprios povos indígenas. Essa busca por uma práxis "decolonial" (MIGNOLO, 2008) delinea-se como um ponto de partida.

O olhar "decolonial", ao se confrontar com a trajetória da Psicologia, destaca a subjetividade que, ao longo do último século, tem sido predominantemente concebida a partir da ótica europeia. Essa perspectiva considera a subjetividade como uma entidade interna individual, dissociada tanto da corporeidade quanto da coletividade (PAVÓN-CUÉLLAR, 2021). No entanto, ao contemplar uma Psicologia Indígena, emerge a imperatividade de permitir que os próprios povos indígenas forjem e influenciem a moldagem da Psicologia direcionada a eles. Conforme Martín-Baró (2017) proclama, a Psicologia precisa adotar uma postura ativa contra as opressões, e a Psicologia Indígena aspira ser uma força libertadora contra ideologias opressivas (FERNANDES, 2017).

Dessa maneira, a práxis psicológica deve transcender a validação meramente científica, incorporando uma consciência profunda do entorno no qual está inserida, reconhecendo que o processo científico está inextricavelmente ligado ao mundo vivido (MENEZES; SILVA NETO, 2021). Essa convocação para a decolonialidade impulsiona uma análise abrangente e empática das questões psicológicas que os povos indígenas de Roraima enfrentam.

A interação entre os povos indígenas e a Psicologia tem desempenhado um papel crucial tanto na prática profissional quanto na compreensão mais profunda das necessidades das comunidades. Este enfoque requer o rompimento com visões simplificadas e colonizadoras, amplamente presentes na Psicologia Clássica. Esta última, fundamentada no pensamento moderno europeu entrelaçado com o desenvolvimento capitalista, delineou uma visão dicotômica de indivíduos e sociedade, segregando-os em esferas distintas (BOCK et al., 2011). A contribuição da Psicologia Clássica à compreensão da subjetividade sustenta-se na concepção de que os seres humanos são compostos por um corpo biológico e social, que é subserviente a um sistema, e o indivíduo é construído e reconstruído por meio da mente e do inconsciente.

Entretanto, os povos indígenas cultivaram perspectivas substancialmente diferentes das ocidentais quanto ao corpo, à pessoa e à subjetividade (VIVEIROS DE CASTRO, 1996). Na cosmologia indígena, os rituais moldam os indivíduos, e a subjetividade floresce de uma perspectiva coletiva (CFP, 2018). Uma ilustração vívida desse pensamento é a prática dos povos



Wapichana, que associam a formação da pessoa à escolha de nomes na língua indígena, tecendo um elo profundo entre identidade e perspectiva. Nesta cosmovisão, a humanidade transcende as fronteiras entre humano e não-humano, incluindo plantas e animais como seres dotados de personalidade (SOUSA LIMA et al., 2019).

Semelhantemente, os Sanumá, um subgrupo Yanomami, concebem a formação da pessoa e da subjetividade como uma contínua reutilização da natureza, permitindo transições entre corpos, espaços e tempos (GUIMARÃES, 2010). Na cosmologia Yanomami, o corpo é dual, compreendido tanto como uma presença biológica quanto metafísica (LIMULJA, 2019). Esta perspectiva destaca uma interioridade espiritual que define a pessoa humana, desafiando a visão etnocêntrica que subjaz à Psicologia convencional.

Este pano de fundo impulsiona a exploração da Psicologia Indígena, a qual se compromete a estudar os povos indígenas dentro do âmbito de sua própria cultura, almejando uma horizontalidade cultural (GUIMARÃES, 2022). Essa jornada dialógica é fomentada pela convergência das Referências Técnicas para a atuação de Psicólogos(as) junto aos povos indígenas com insights da Psicologia social e Antropologia. Assim, esse artigo buscará explorar as interseções necessárias para construir uma Psicologia Indígena engajada e comprometida com as realidades culturais e subjetivas dessas comunidades.

## *2. A Violência Contra os Povos Indígenas: Uma Análise das Questões Psicológicas Decorrentes do Processo Histórico*

A Psicologia Indígena busca desenvolver e “examinar conhecimentos, técnicas e crenças que as pessoas têm sobre si, estudando esses aspectos em seu contexto originário, no intuito de criar uma ciência com rigor e sistematização que possam ser verificados tanto teórico como empiricamente” (FERNANDES, 2017, p. 53). A Psicologia dos povos indígenas e para os povos indígenas estabelecem o olhar partindo da própria perspectiva, superando os obstáculos impostos pelo pensamento colonialista. Isso porque, a compreensão do adoecimento psíquico dos povos indígenas requer uma reflexão profunda sobre a violência decorrente das relações de domínio e exploração que ocorreram ao longo dos séculos. Além disso, é necessário abordar as invasões de terras indígenas e sua relação com problemas como o consumo de álcool industrializado, ansiedade, suicídio e depressão, que têm impactado profundamente o bem-estar psicossocial desses povos.



Nesse pensamento, Albert e Kopenawa (2010) explicam a experiência dos povos indígenas frente aos processos de colonização e seus impactos na saúde mental e emocional.

Os garimpeiros sujaram a floresta para valer. Ela ficou impregnada de fumaça de epidemia e fomos pegos num frenesi de morte. No rio Toototobi, onde vivi na infância, éramos muito numerosos. Havia três grandes casas perto umas das outras. Eram muitos anciãos. Depois os brancos chegaram, com suas febres e seu sarampo, e muitos dos nossos morreram. Hoje quase não há mais grandes xamãs, nossas casas ficaram muito menores e morreremos jovens. Quando *Omama* criou nossos ancestrais e ensinou a eles as coisas deste mundo, eles tinham o pensamento tranquilo. (ALBERT; KOPENAWA, 2010, p. 224 - 225)

É fundamental que a Psicologia se abra para dialogar com essas perspectivas, reconhecendo a importância de ouvir as vozes indígenas e considerar suas práticas, concepções e saberes no desenvolvimento de abordagens mais contextualizadas e culturalmente sensíveis. Somente por meio dessa abertura e descolonização do conhecimento poderemos avançar em direção a práticas psicológicas mais aproximadas aos povos indígenas em Roraima e em todo o país. Nesse sentido, é fundamental destacar a importância do diálogo com outras áreas de conhecimento, como a antropologia, sociologia, história e filosofia, para uma compreensão mais abrangente do contexto histórico e sociocultural em que esses problemas se manifestam.

A violência gera prejuízos psicossociais tanto no âmbito individual como coletivo, provoca dores, que se tornam uma “cristalização traumática nas pessoas e nos grupos” vítimas das relações desumanizadas. Para Martin- Baró ([1942 - 1989] 2017, p. 210) a legitimação do poder estabelecido sobre a coletividade legítima também qualquer forma de violência individual. Segundo Gonçalves (2017, p. 188), a violência provoca traumas psicossociais, os quais se "manifestam de maneira diversa no universo das relações sociais, tornando também diversa a intensidade de suas expressões e de seus efeitos.”

[...], a violência contra povos indígenas, avança sobre os territórios pode ser percebido pela falta de fiscalização territorial que culmina no maior desmatamento de suas áreas, nas invasões de terras indígenas por garimpeiros e madeireiros (...), no retrocesso das políticas públicas voltadas para a efetivação dos direitos diferenciados dos indígenas. (MELO et al., 2021, p. 86 - 87)

Nesse entendimento, “a violência contra indígenas, promovida por não indígenas, segue a lógica do apagamento das culturas e da singularidade das etnias originárias, assim como a invasão e destruição de seu território” (Idem, p.89). Assim, pensar o trauma psicossocial de um povo torna necessário a exclusão de uma atuação psicológica engessada, pois a violência vivenciada pelos povos indígenas ocorre de várias formas. Estudos no âmbito da Psicologia Social têm “contribuindo



para o entendimento das relações entre grupos sociais distintos numa sociedade e o tratamento desigual que se estabelece entre estes grupos” (CORREIA, 2023, p. 02). Logo, o esforço do profissional em articular saberes o coloca em uma zona limiar entre o poder hegemônico encontrado na formação profissional e os saberes indígenas.

A história de exploração ocorrida no Brasil, tanto dos povos indígenas como da população negra, é uma marca deixada pela colonização, uma relação que “continua presente em nossas cidades e campos, gerando profundas desigualdades sociais, violência e muito pouca cidadania.” (GÓIS, 2008, p. 26). Assim, o “uso intencional da força ou poder” contra si ou outros, (...), “tem grandes probabilidades de ocasionar lesão, morte, dano psíquico, alterações do desenvolvimento ou privações”, conforme explica Sacramento (2006, p. 96 grifos meus). O indivíduo ou grupo que se desenvolve em um contexto de violência tem seus direitos privados, o que acarreta adoecimento.

Compreender conceitualmente e como se constituem fenômenos como preconceito, racismo e discriminação numa sociedade é primordial para entendermos a extensão dessa problemática vivida por populações indígenas no Brasil, dado o colonialismo que marca a história deste país (CORREIA, 2023, p. 02).

Outro ponto é entender a relação com o território, a identidade e as regras sociais que são elaboradas de várias formas uma vez que “(...), cada povo tem seu conjunto de regras de alimentação, comportamento e de convívio com as pessoas de sua comunidade, em relação aos recursos naturais e aos seres espirituais, de acordo com fases e ciclos da vida.

Conforme as Referências Técnicas para Atuação com povos Indígenas (2022, p. 141), a quebra dessas regras envolve um adoecimento e/ou sofrimento”. Consequentemente, em um cenário de violência, de invasão dos seus territórios e desrespeito às suas culturas, além da destruição da natureza e da população (BERNI, 2017), é evidente o adoecimento das pessoas. Nesse entendimento, como é possível desenvolver uma abordagem psicológica entendendo todas essas questões e se distanciar de ideias biologizantes e impositivas que possam vir a reforçar a violência? Ou melhor, como pensar uma psicologia para e com os povos indígenas?

Primeiramente é imprescindível saber que ao pensar no sujeito indígena é necessário compreender a importância da coletividade na construção da pessoa, e em determinados espaços indígenas “muitas dessas pessoas não são indivíduos, mas “pessoas coletivas”.” (KRENAK, 2019, p.14). Desse modo, pensar em demandas próprias traz ao palco questões culturais que devem estar presentes no entendimento dos profissionais de psicologia, conhecimentos culturais que precisam



permeiar todo o processo de análise. Como exemplo para essas necessidades específicas dos povos indígenas, Darella (2010) expõe uma experiência ocorrida durante uma oficina oferecida por um professor de Microbiologia em uma comunidade Guarani (que fica localizada na região centro-oeste do Brasil, no Mato Grosso do Sul), o qual estava trabalhando o conhecimento sobre doenças contagiosas e ao pedir que fosse exposto uma lista dessas doenças, muitos indivíduos colocaram o alcoolismo como uma doença contagiosa. “Como pode ser contagiosa? É contagiosa pela forma de o Guarani entender o mundo, pois o elemento que está fazendo uso abusivo de bebida alcoólica na aldeia contagia outro a fazê-lo” (DARELLA, 2010, p. 123).

Essa escuta mostra a importância da posição do ser aberto à sabedoria local e não impor um conhecimento sem relacionar com o entendimento que o grupo elabora. Para exemplificar a multiplicidade de entendimentos sobre saúde, doença e bem-viver, vejamos a perspectiva dos Baniwa (povos indígenas no norte do Brasil, localizados na fronteira com a Colômbia)<sup>1</sup>, que categorizam as “doenças” como sendo dos grupos dos venenos e o grupo da magia. Portanto, para os Baniwa,

Os cuidados pela manutenção da saúde e bem-estar visam sobretudo ao controle das ações destes seres, cuja menor habilidade no cumprimento de seus deveres para com o corpo social os coloca na posição de pessoas incompletas, com dificuldades em produzir juízos morais adequados e em cumprir as normas sociais, ameaçando tornar vãos os esforços dos homens mais velhos no trabalho de contínua restauração da ordem cósmica e social. (GARNELLO, 2003, p. 59)

Na Amazônia, em São Gabriel da Cachoeira, os povos indígenas da região associam a doença a algo enviado, no caso da compreensão sobre suicídio explicam a partir de uma ideia de encantamento ou feitiço. “Assim, complexifica-se e dificulta-se a própria transposição do conceito biomédico de suicídio para esse contexto, visto que o suicídio é localmente representado como fruto da agência de terceiros, e não do próprio suicida.” (SOUZA, 2016, p. 146). Essas formas de compreender e explicar o adoecer, a saúde e a doença para os diferentes povos indígenas, sobretudo da região amazônica, pode ser pensado a partir de um “perspectivismo ameríndio”, o qual compreende que para os povos indígenas existe “, um universo povoado por diferentes tipos de

---

<sup>1</sup> Os Baniwa vivem na fronteira do Brasil com a Colômbia e Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiairi e Cubate, além de comunidades no Alto Rio Negro/Guainia e nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM). Já os Kuripako, que falam um dialeto da língua baniwa, vivem na Colômbia e no Alto Içana (Brasil). (<https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Baniwa>)



agências ou agentes subjetivos, humanos como não-humanos [...]”, todos esses constituídos de uma "alma" semelhante; objetos, plantas, animais, todos com a mesma capacidade cognitiva, como explica Viveiros de Castro (2018, p. 43). Logo, a doença, o adoecer psíquico e a percepção sobre o alcoolismo na aldeia ou comunidade transcende a compreensão biomédica. Pois “No contexto da região, o infortúnio, incluindo a doença e a morte, seria representado usualmente como algo enviado a partir do exterior que incide sobre alguém.” (SOUZA, 2016, p.148).

A partir da observação sobre o modo de vida, a relação com o ambiente, a circulação de informações, o processo de demarcação e violência, as políticas públicas, trazem a baila a importância de se pensar uma vertente da Psicologia para os povos indígenas (PIZZINATO et al., 2019, p. 4), pois esses fatores mostram o quanto é imprescindível se posicionar sobre as diferenças e a invisibilidade das características culturais diante de necessidades que envolvem a atuação de psicólogos.

Os projetos de Psicologia indígena são múltiplos e dizem respeito às especificidades étnico-culturais de cada povo, que estabelece parâmetros para um diálogo com o campo geral da Psicologia enquanto ciência, ao mesmo tempo, em que resiste a concepções e práticas colonialistas imbricados em projetos clássicos de Psicologia. (PIZZINATO et al., 2019, p. 4).

Uma demanda que parte de dentro das comunidades e alcança focos de interesse na ciência e na ação do profissional, a elaboração das Referências Técnicas que auxilia os profissionais para uma atuação direcionada, gera também a necessidade de observar como essas normas chegam até os profissionais e a utilização delas no processo de formação acadêmica. O profissional de psicologia deve agregar os conhecimentos sobre povos originários<sup>2</sup> às teorias da psicologia, para que nas ações direcionadas aos povos indígenas não ocorra uma “expressão máxima da colonialidade”, e force o grupo a “deixar de ser o que se é”, em função da assistência em saúde, conforme explica Lopes e Sathler (2022).

Na perspectiva de se colocar no lugar do outro, o profissional deve compreender que esse "outro" possui suas necessidades e conhecimentos que são próprios de um grupo. Nessa relação assimétrica entre o profissional e o indivíduo/grupo, é preciso estabelecer com afincamento o exercício do escutar, sabendo que o ouvir difere do escutar. O escutar significa entender as questões

---

2 O termo “povos originários” se refere aos povos originários daquela terra, no Brasil são os povos indígenas, os quais foram primeiros habitantes desse território.



antropológicas que existem em torno do indivíduo, e com isso perceber que “(...), o homem é um ser - no - mundo e não pode ser compreendido sem o mundo” (GIOVANETTI, 1996, p. 128).

De acordo com Gonçalves (2010, p. 236), "no campo da saúde indígena atual, ressalta-se a importância da participação dos indígenas nas formulações, efetivações e execuções das políticas de saúde a eles dirigidas, [...]." E, é necessária “a capacitação do profissional de saúde indígena, não somente no campo cultural, antropológico, mas no campo da formação emocional e afetiva.” (Ibidem). Com isso, pensar a Psicologia Indígena significa também pensar a formação acadêmica dos profissionais da Psicologia,

Grandes contribuições nesse sentido são oriundas das próprias produções literárias e cinematográficas indígenas, além da produção acadêmica de pesquisadores(as) indígenas, inclusive no âmbito da pós-graduação, que têm chamado para si a tarefa de recompor sua própria história com narrativas que afirmam o lugar de luta e de resistência.”(SILVA; MACEDO, 2022, p. 07).

Portanto, a Psicologia precisa acolher e entender por dentro essas questões, sabedorias, conhecimentos e ciência. Assim, a Psicologia Indígena vem a ser um movimento na Psicologia que tem como característica uma abordagem voltada para dialogar e atender as necessidades mais particulares dos povos indígenas, e dessa necessidade veio a elaboração de um documento que direciona a prática psicológica nesse contexto, as Referências Técnicas para atuação dos psicólogos (as) junto aos povos indígenas.

### *3. Apontamento Sobre As Referências Técnicas Para Atuação De Psicólogas(Os) Junto Aos Povos Indígenas*

As orientações técnicas para a prática de psicólogos junto às comunidades indígenas têm como propósito oferecer diretrizes e embasamento para o exercício profissional, considerando a complexidade cultural, histórica e social dessas populações. Estas referências desempenham um papel crucial na asseguarção de uma abordagem ética, respeitosa e eficaz no contexto psicológico com os povos indígenas.

Originadas de um diálogo instaurado em 2004 entre o Conselho Federal de Psicologia e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), visando a compreensão das necessidades psicossociais das comunidades indígenas, as Referências Técnicas para a atuação de Psicólogos junto aos Povos Indígenas foram lançadas em 2022. Decorrida mais de uma década desde o início desse diálogo, e



em meio à construção de conhecimentos e reflexões decorrentes das demandas dos próprios psicólogos que atuam junto aos povos indígenas, a elaboração deste documento procurou atender às necessidades intrínsecas dessas comunidades.

Assim, a formulação dessas referências proporciona um olhar mais específico sobre a interface entre Psicologia e Povos Indígenas, dando voz às experiências e narrativas indígenas que refletem processos históricos de violência e trauma que ainda afetam as comunidades como um todo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2022, p. 08). As diretrizes destacam a importância de uma abordagem que não somente se dedique ao estudo dos povos indígenas, mas que seja concebida por eles. Afinal, "uma equipe que valoriza apenas o conhecimento biomédico, negligenciando o conhecimento indígena, não apenas pode falhar em alcançar resultados, mas também corre o risco de causar danos à comunidade" (BATISTA, 2010, p. 12). Nessa perspectiva, as Referências sublinham a necessidade de amalgamar conhecimentos, integrando tanto a abordagem antropológica quanto a análise sócio-histórica no exercício da Psicologia.

### *3.1 Apontamentos sobre a Atuação do Psicólogo Junto aos Povos Indígenas em Roraima*

Na prestação de assistência à saúde dos povos indígenas, evidencia-se uma abordagem multidisciplinar que visa a convergência da biomedicina com os cuidados de saúde tradicionais, com o intuito de fomentar uma "articulação da biomedicina aos cuidados de saúde e terapias tradicionais" (SILVEIRA, 2004, p. 98). Nesse contexto, o atendimento psicológico, incorporado pelo programa de Saúde Indígena, é executado por meio dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), que congregam equipes multidisciplinares operando em aproximadamente 34 localidades por todo o território brasileiro, segmentados por território. No estado de Roraima, a presença de dois DSEIs é notável: o DSEI Leste e o DSEI Yanomami. A presença de psicólogos nos distritos roraimenses foi inaugurada pelo DSEI Leste em 2011, seguida pelo DSEI Yanomami em 2013, que contratou cinco profissionais da área para garantir atenção aos povos indígenas (VIEIRA, 2018).

Nesse contexto, as observações de Vieira (2018) trazem à tona aspectos notáveis da atuação dos psicólogos em Roraima. Primeiramente, destaca-se a vital importância da equipe para sustentar a continuidade do trabalho, uma vez que a atuação não é contínua, já que os profissionais permanecem apenas 15 dias em campo. Além disso, o ciclo rotativo das equipes e a compreensão



dos profissionais sobre as questões indígenas se mostram como pontos cruciais. Ainda, é imperativo sensibilizar e engajar as comunidades quanto ao papel do psicólogo. Conseqüentemente, a atuação dos profissionais de psicologia nos DSEIs em Roraima é permeada por um constante diálogo entre duas "agências", como identificado por Vieira (2018, p. 42): a do psicólogo, que busca tornar suas práticas compreensíveis para os indígenas, e a dos indígenas, que filtram essas práticas por meio de sua cosmovisão.

Na esfera da prática psicológica, uma demanda proeminente é o aumento dos casos de suicídio entre os jovens indígenas, uma questão que, segundo Arauz e Aparício (2017), não pode ser meramente simplificada como desintegração cultural ou sofrimento existencial. O suicídio dentro do contexto indígena é um fenômeno complexo e multifacetado, cujas manifestações variam conforme a etnia ou grupo indígena em foco (SILVA; MACEDO, 2021). É crucial compreender que essa realidade é enraizada na cosmopolítica e intrinsecamente relacionada a uma teia de questões interligadas. Nesse contexto, o papel dos elementos mítico-simbólicos nas dinâmicas cotidianas deve ser reconhecido e considerado.

De acordo com a psicóloga Interniza Pereira, que integra o atendimento psicológico do CIR, o sofrimento presente nas comunidades indígenas, originado pela exploração de garimpo e invasão do território, intensificou-se com os desafios de saúde e o aumento da mortalidade durante a pandemia de COVID-19. Essa perspectiva coloca em destaque a necessidade de uma análise profunda dos impactos catastróficos do garimpo ilegal.

Kopenawa e Albert (2010) explicam que a invasão do território Yanomami traz consigo doenças, violência e destruição, tornando imperativa a defesa da terra e da cultura indígena. Acrescentando a isso, Limulja (2019), em um estudo realizado junto aos Yanomami, revela que o aumento das atividades de garimpo nas Terras Indígenas Yanomami e a subsequente degradação da natureza têm corroído a vitalidade dos Yanomami, resultando em angústia, sofrimento e tristeza. O garimpo ilegal acarreta devastação em várias formas, incluindo violência, poluição das águas, exploração sexual, doenças, escassez de alimentos e óbitos.

#### 4 Considerações Finais

Neste artigo, foi desenvolvida uma análise da interseção entre a Psicologia e os povos indígenas em Roraima, destacando a urgência de uma abordagem mais alinhada com as visões



indígenas acerca do comportamento humano. Sublinha-se a relevância do diálogo com outros campos do conhecimento, como antropologia, sociologia, história e filosofia, bem como com os saberes construídos pelas próprias comunidades indígenas, com o propósito de decolonizar a compreensão. Nesse contexto, direcionou-se a reflexão para o adoecimento psicológico enfrentado pelos povos indígenas em Roraima, diretamente vinculado a um histórico de colonização e à invasão de terras indígenas pelo garimpo ilegal. Estes fatores desencadearam problemas como o consumo de destilados industrializados, que minam a "saúde" desses povos. Tais obstáculos têm gerado impactos psicossociais profundos e têm apresentado um crescimento notório nos últimos anos.

Através das discussões teóricas, surgiu uma crítica à perspectiva da Psicologia clássica devido à sua visão dicotômica entre indivíduos e sociedade, enquanto os povos indígenas sustentam uma visão coletiva da subjetividade. Além disso, considerou-se a questão da violência contra os povos indígenas, responsável por causar prejuízos psicossociais em âmbito individual e coletivo, gerando traumas e afetando as dinâmicas sociais. Ademais, tornou-se imperativo examinar a relação entre os povos indígenas, o território, a identidade e as normas sociais que eles estabelecem. O descumprimento destas normas pode resultar em doença e sofrimento. Neste sentido, a abordagem psicológica deve considerar essas questões culturais e evitar imposições que perpetuem a violência.

O escopo deste estudo visava forjar uma reflexão a respeito da interação entre a Psicologia e os povos indígenas em Roraima, sublinhando a premência de uma abordagem sensível e consciente diante das complexidades do adoecimento psíquico nesse contexto. Para este propósito, foram examinadas as necessidades dos povos indígenas, os desafios da violência e colonização que eles enfrentam, e as diferentes noções de subjetividade tanto da Psicologia clássica quanto das cosmologias indígenas. Nesta linha de raciocínio, emergiu a conclusão de que a violência contra os povos indígenas gera danos psicossociais tanto a nível individual quanto coletivo, culminando em traumas e enfermidades. Esta violência assume diversas formas, incluindo invasões de territórios indígenas, desflorestamento, retrocessos em políticas públicas e supressão de culturas e identidades indígenas. O clima de violência e desrespeito às suas tradições tem um impacto direto sobre o bem-estar das pessoas.

Os povos indígenas vivenciam um cenário caracterizado por lutas e resistência, trazendo consigo uma memória de um passado marcado por sofrimento e violência oriunda da colonização.



Ao observar as nuances de cada etnia, não podemos negligenciar os desafios enfrentados por algumas comunidades indígenas, inextricavelmente ligados à invasão de seus territórios. A partir de uma profunda análise das questões culturais dos povos indígenas e da necessidade de incorporá-las na prática psicológica, emergiu uma nova perspectiva sobre a relação entre a Psicologia e essas comunidades, especificamente nas configurações encontradas em Roraima. Por meio deste processo, uma contribuição relevante para o avanço da Psicologia no Brasil foi delineada.

O lançamento das Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas(os) Junto aos Povos Indígenas em 2022 marca um ponto significativo tanto para a população indígena quanto para os profissionais de Psicologia. Ao direcionar o foco para as demandas específicas desses grupos, estas diretrizes representam um marco crucial. Englobando desde a percepção e conhecimento do "eu coletivo" até as noções de corpo e mente, essas referências habilitam a abordagem de questões que requerem uma interpretação sensível das dinâmicas socioculturais. A adoção das Referências Técnicas é uma estratégia para engajar os profissionais na compreensão das particularidades, e mesmo que a presença de povos indígenas em diversas equipes de trabalho ainda seja limitada, o desenvolvimento de estudos e pesquisas científicas pode promover o conhecimento e o aprimoramento das práticas.

Com efeito, a reflexão acerca de uma abordagem psicológica para comunidades indígenas, que compreenda a violência e o sofrimento sob a perspectiva histórico-social destes povos e suas repercussões no contexto atual, buscou oferecer uma visão aprofundada sobre as concepções indígenas de corpo, alma e mente. Isso também se estende às questões psicossociais, ponderando sobre o estado de "bem-viver" e os cuidados psicológicos. Neste enfoque, a compreensão e implementação de uma abordagem psicológica pertinente requer uma consideração plena da importância da coletividade na formação da identidade indígena, além do entendimento das perspectivas culturais e particulares de cada grupo.

Um aspecto fundamental nesse processo é a escuta atenta e receptiva à sabedoria local, evitando imposições e valorizando as formas de compreensão e interpretação da saúde, doença e sofrimento nos contextos indígenas. A partir das reflexões empreendidas, torna-se inegável a necessidade de uma Psicologia que vá além da colonização, rompendo com visões simplistas, generalizantes e colonizadoras. Esta Psicologia, intrinsecamente decolonial, deve fomentar o diálogo interdisciplinar, dialogar com outras disciplinas como antropologia, sociologia, história e



filosofia, e também incorporar os saberes construídos pelas próprias comunidades indígenas. Sua intenção é forjar uma abordagem genuína para os povos indígenas, que possa levar em conta suas perspectivas e atender às suas demandas específicas.

Os resultados conclusivos deste estudo realçam a importância de uma prática psicológica mais sensível, consciente e contextualizada junto aos povos indígenas em Roraima. Tal prática deve englobar as adversidades históricas de violência e colonização que afetam esses povos, valorizando suas culturas, visões de mundo e entendimentos da subjetividade. A promoção de um diálogo interdisciplinar e a construção de uma Psicologia decolonizada são cruciais para a formulação de uma abordagem psicológica mais adequada e eficaz nesse cenário, visando ao bem-estar e ao fomento da saúde mental das comunidades indígenas.

Dessa forma, ao contemplar a Psicologia Indígena sob a ótica da prática psicológica, torna-se claro o valor de se aproximar da cosmovisão elaborada pelos povos indígenas, assim como compreender a interconexão entre todos os seres vivos e a natureza. Ao pensar no empreendimento científico da Psicologia em relação aos povos indígenas, é vital construir o entendimento a partir de um exercício reflexivo que compreenda a análise crítica da Psicologia clássica à luz das questões sociais e históricas dos povos indígenas, e, a partir daí, forjar uma Psicologia decolonizada.

### *Referências*

ALBERT, B.; KOPENAWA, D. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010.

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA. **Atendimento Psicológico do CIR**. 2021. Disponível em: <https://cir.org.br/site/2021/05/06/atendimento-psicologico-do-cir/>. Acesso em: 20 abr. 2023.

ARAÚZ, L. C.; APARICIO, M. (Coords.). *Etnografías del suicidio en América del Sur*. Abya-Yala, 2017.

BATISTA, Marianna Queiróz. **Saúde mental indígena: um desafio interdisciplinar**. 2010. 47 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2010.

BERNI, Luiz Eduardo Valiengo. **Psicologia e saúde mental indígena: Um panorama para construção de políticas públicas**. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. spe, p. 64-81, nov. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2017000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2017000200006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 04 maio 2023.



BOCK, Ana Mercês Bahia; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi; FURTADO, Odaír. **Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

\_\_\_\_\_. **Psicologia fácil** – São Paulo : Saraiva, 2011.

CORREIA, S. B.; VIANA, L. M. M.. **Identidade indígena: olhares a partir da Psicologia Social**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 35, p. e5956, 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (Brasil) **Referências Técnicas para atuação de psicólogas(os) junto aos povos indígenas** / Conselho Federal de Psicologia, Conselhos Regionais de Psicologia, Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas. — 1. ed. — Brasília : CFP, 2022. 224 p

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (org). **Psicologia e povos indígenas** / Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo: CRPSP, 2010. 250f.; 23cm.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA BAHIA / CRP -03. **Subjetividade e Bem Viver de Povos Indígenas** – Uma urgência para a Psicologia. [live] *You Tube*. Transmitido ao vivo em 19 de abr. de 2018

DARELLA, M. D. P. **A concepção de mundo como substrato na atenção à saúde dos povos indígenas**. *Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org)*. Psicologia e povos indígenas / Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região – São Paulo: CRPSP, 2010. 250f.; 23cm.

FERNANDES, Felipe Otaviano Portela. **Psicologia e povos indígenas: reflexões a partir do contato com os Yepa Mahsã no Projeto Rios e Redes**. 2017. 88 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

GARNELLO, Luiza. **Poder, Hierarquia e Reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro**. 2003. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.

GIOVANETTI, José Paulo. **Fundamentação antropológica da prática psicoterápica**. In: Repensando a formação do psicólogo: Da informação à descoberta. (1996), Cadernos Coletânea da ANPEPP, N 9 , setembro/1996, pp.127-134

GÓIS, Cezar W. Lima. **Saúde comunitária: Pensar e Fazer**. São Paulo: HUCITEC, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/42540>. Acesso em: 29 abr. 2023.

GONÇALVES, Bruno Simões. **Parecer Psicossocial da Violência contra os Povos Indígenas Brasileiros: o Caso Reformatório Krenak**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 37, n. spe. 186–196, 2017.

GONÇALVES, Lucila de Jesus Mello. **Psicologia e povos indígenas: uma experiência e algumas reflexões acerca do lugar do psicólogo**. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região (org). São Paulo: CRPSP, 2010.



GUIMARÃES, Silvia. **Corpos e ciclos da vida sanumá-yanomami**. Horizontes Antropológicos, v. 16, n. 34, p. 261–286, jul. 2010.

GUIMARÃES, Danilo Silva. **A Tarefa Histórica da Psicologia Indígena diante dos 60 anos da Regulamentação da Psicologia no Brasil**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, n. spe, p. e263587, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod\\_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5727070/mod_resource/content/1/ideias-para-adiar-o-fim-do-mundo-1-34.pdf). Acesso em: 10 mar. 2023.

LIMULJA, Hanna Cibele Lins Rocha **O DESEJO DOS OUTROS : UMA ETNOGRAFIA DOS SONHOS YANOMAMI (PYA Ú – TOOTOTOPI)** / Hanna Cibele Lins Rocha Limulja ; orientador, José Antonio Kelly, 2019

LOPES, Danilo Cleiton.; SATHLER, Conrado Neves.. **O Papel da(o) Psicóloga(o) na Saúde Indígena**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 42, p. e240841, 2022.

MAGALHÃES, Cátia Luiza Pereira. **El concepto de violencia en Psicología Social: una revisión de literatura**. Logos & Culturas: Revista Acadêmica Multidisciplinar de Iniciação Científica. Fortaleza, v. 2, n. 1, 2022.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. Estudos de Psicologia, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1996.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais**. Organização, notas e tradução de Fernando Lacerda Júnior. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. (Coleção Psicologia Social).

MELO, Bernardo Dolabella et al. **Violências no Cotidiano das Comunidades** In: EL KADRI, Michele Rocha (org.) et al. **Bem Viver: Saúde Mental Indígena**. Organizadores: Michele Rocha El Kadri, Suzy Evelyn de Souza e Silva, Alessandra dos Santos Pereira e Rodrigo Tobias de Sousa Lima. -- 1. ed. - Porto Alegre, RS : Editora Rede Unida, 2021.

MENEZES, C. M.; SILVA NETO, W. M. de F. Psicologia Indígena:: cartografando devires . Perspectivas em Psicologia, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 177–193, 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/67913>. Acesso em: 7 jun. 2023.

MIGNOLO, Walter. **La opción decolonial: desprendimiento y apertura**. Un manifiesto y un caso. Tabula Rasa, n. 8, p. 243-282, 2008.

PAVÓN-CUÉLLAR, D. **Rumo a uma descolonização da psicologia latino-americana: condição pós-colonial, virada decolonial e luta anticolonial**. Brazilian Journal of Latin American Studies, [S. l.], v. 20, n. 39, p. 95-127, 2021. DOI: 10.11606/issn.1676-6288.prolam.2021.182217. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/182217>. Acesso em: 8 jun. 2023.



PIZZINATO, Adolfo; GUIMARÃES, Danilo Silva e LEITE, Jáder Ferreira. **Psicologia, Povos e Comunidades Tradicionais e Diversidade Etnocultural**. Psicologia: Ciência e Profissão [online]. 2019, v. 39, n. spe [Acessado 20 agosto 2022] , e 032019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703000032019>>. Epub 15 Ago 2019. ISSN 1982-3703. <https://doi.org/10.1590/1982-3703000032019>.

PINTO, N. S. **Bem viver e viver bem: segundo o povo baniwa no noroeste amazônico brasileiro**. Maloca: Revista de Estudos Indígenas, Campinas, SP, v. 4, n. 00, p. e021009, 2021. DOI: 10.20396/maloca.v4i00.14274. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/14274>. Acesso em: 28 maio. 2023.

RODRIGUES DE SOUSA, Flaviana. **Povos indígenas e saúde mental: a luta pelo habitar sereno e confiado**. orientador Danilo Silva Guimarães. São Paulo, 2018.[Arquivo online] DISSERTAÇÃO - (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Experimental)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2018.

SACRAMENTO, Livia de Tartari e; REZENDE, Manuel Morgado. **Violências: lembrando alguns conceitos**. Aletheia, Canoas , n. 24, p. 95-104, dez. 2006 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942006000300009&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 22 abr. 2023.

SILVA, Brisana Índio do Brasil de Macêdo; MACEDO, João Paulo. **Povos Indígenas no Brasil e a Descolonização da Psicologia**. Psicologia: Ciência e Profissão 2021 v. 41, e221362, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221362>. Disponível em: [www.scielo.br/pcp](http://www.scielo.br/pcp) Acesso em: 08 de maio de 2023.

SILVEIRA, Nadia Heusi. **O conceito de atenção diferenciada e sua aplicação entre os Yanomami** In: LANGDON, Esther J.; GARNELO, Luiza (org). Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre antropologia participativa. São Paulo: Contra Capa; Rio de Janeiro: ABA, 2004. p. 188-196.

SOUZA, Maximiliano Loiola Ponte de. **Narrativas indígenas sobre suicídio no Alto Rio Negro, Brasil: tecendo sentidos**. Saúde Soc. São Paulo, v.25, n.1, p.145-159, 2016

SOUZA LIMA, Fabio de; LIMA, Danielle dos Santos Pereira; CAVALCANTE, Olendina de Carvalho. **Nanaa: o corpo como lugar de nomeação pessoal**. Seção Dossiê Temático: Nos contornos do corpo e da saúde.V 6 n. 12 (2019): Agosto a Dezembro de 2019

SOUZA, Angelica Silva de ;OLIVEIRA, Saramago de Oliveira.; ALVES, Laís Hilário. **A Pesquisa Bibliográfica: Princípios E Fundamentos**.Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.

SCALCO, N.; LOUVISON, M.. **Saúde indígena: lutas e resistências na construção de saberes**. Saúde e Sociedade, v. 29, n. 3, p. e 000003, 2020.



VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena.** O Que Nos Faz Pensar, 14(18), 225-254. (2004) Recuperado de <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/197>

\_\_\_\_\_. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio.** Mana, v. 2, n. 2, p. 115–144, out. 1996.

\_\_\_\_\_. [1951–] **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural:** Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018. 288 pp.

VIEIRA, Edilaise Santos. **Nem injeção e nem Xabori: reflexão sobre trabalhos de saúde mental em contextos indígenas de Roraima.** Boa Vista, 2018.

**Artigo submetido em 14/08/2023, aceito em 15/09/2023 e publicado em 10/12/2023.**

